

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	TO	01	00	07	F50	04
	UF	SÍLIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Cidade de Natividade
LOCALIDADE	Natividade
MUNICÍPIO / UF	Natividade/TO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Mãe Ana
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Cova de Mãe Ana
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 13



F1 Placa com a identificação da Cova da Mãe AnaTO010007F50A2 nº 13 F3 - Foto Sandra Lima agosto 2007

4.

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO****01****00****07****F50****04**

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 13



F2 Cova da Mãe AnaTO010007F50A2 nº 13 F1 - Foto Sandra Lima agosto 2007



F3 Cova da Mãe AnaTO010007F50A2 nº 13 F2 - Foto Sandra Lima agosto 2007



F4 Cova da Mãe AnaTO010007F50A2 nº 13 F5 - Foto Sandra Lima agosto 2007

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	TO	01	00	07	F50	04
---------------------------------	----	----	----	----	-----	----

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Em Natividade, sempre que se fala em memória negra, na presença dos negros na cultura nativiana, faz-se uma referência à presença de Mãe Ana. Ela é apresentada como uma mulher negra imponente, alta e bonita. Era princesa na África e foi feita prisioneira. Foi comprada por um casal de portugueses abolicionistas em Salvador (BA), de onde foi levada para Natividade (TO). Em uma emboscada a caminho de Natividade seu novo dono e seus filhos foram assassinados. Ela ficou com a sua sinhá, dando-lhe todo o apoio e a lealdade, o que lhe valeu a alforria e os bens da dona, anos depois. Dizem que ela era excelente benzedeira, curandeira e raizeira, curando diversas pessoas, inclusive negros fugitivos. Ela os protegia e escondia, passando a ser chamada de Mãe Ana. Ela era devota de São Benedito e em um de seus festejos, após a missa, sua elegância incomodou algumas pessoas. Nesse dia, na volta para sua casa, foi assassinada, porém seu corpo teria sido encontrado somente 20 dias depois. Mas ela apenas parecia dormir, e de seu corpo exalava uma fragrância de flores. Estavam em perfeito estado seu vestido, os colares, os braceletes feitos pelos ourives nativianos. No peito apenas uma mancha vermelha do tiro recebido. Aponta-se ainda que foi enterrada no bosque onde foi encontrada. E hoje seu túmulo é apenas um local malcuidado com uma placa descritiva, mas as pessoas que por lá passam fazem uma reverência, uma oração e deixam um ramo de flor. Segundo um dos entrevistados, Mãe Ana:

(...) era uma princesa do Sudão e trazida para o Brasil foi capturada e vendida a um casal de abolicionista, com as entradas de bandeiras (bandeirantes), como chamava as entradas pra cá, e ela chegou a Natividade, ela era uma “chama”, você sabe, o que “chama” tem um pouco disso também, e ela ficou conhecida e querida pelos brancos, negros, que a forma que ela atendia o branco ela atendia o negro, atendia o rico e o pobre. Mãe Ana era negra mina, alta, esbelta, conservava traços de antiga beleza. Seu porte fidalgo atestava a nobreza de sua origem, foi uma princesa negra que marcou e influenciou o cotidiano de Natividade, em plena corrida do ouro. Diz a história que esta princesa foi feita prisioneira na África e atravessou o mar no porão de um navio negreiro, para ser escrava no Brasil. Foi arrematada num leilão, em Salvador/BA, por um casal de portugueses, e trazida para Natividade. Antes de chegar a Natividade o seu senhor com seus dois filhos morreram numa emboscada. A viúva, sentindo a proximidade da morte, alforriou a escrava deixando-lhe prata, ouro, terras e todos seus escravos, que foram libertos. A riqueza e a liberdade transformaram a escrava numa personalidade importante na região. Mas a sua fama cresceu mais devido a sua bondade e ao conhecimento do poder curativo das ervas¹, “Mãe Ana, ela era festeira de São Benedito, dançarina de sússia”², era procurada por negros e brancos. Os escravos fugitivos procuravam-na em busca de apoio e cura das feridas de seus corpos. Estes eram acolhidos, alimentados e ocultados de seus senhores. O fato é que a riqueza e o carisma de Mãe Ana provocaram cobiça e inveja, considerada pela elite branca dominante como um perigo. Mãe Ana era devota de São Benedito e festejava o dia do santo com muita fartura, alegria e devoção, juntamente com todos os convidados. Ela foi vista viva pela última vez exatamente no dia do santo. A benfeitora dos negros foi assassinada em virtude de sua proteção aos escravos. O túmulo onde foi enterrada está localizado próximo da saída para a cidade de São Valério/TO.

A Cova de Mãe Ana está localizada numa área pública de um bairro próximo da saída para a cidade de São Valério. Apesar da cova estar lá faz tempo, ainda encontrarmos uma placa com identificação e um cercado de arame, que parecem indicar o local certo, mas nas entrevistas foram apresentadas informações difusas sobre o local exato do túmulo.

(...) É interessante porque eu ainda cheguei. Hoje virou local de casas populares tá tudo habitado, mas eu ainda cheguei em 91, tem pouco tempo, né, de chegar e encontrar no caminho ter o galho verde de alguém que passou e colocou é fazendo uma homenagem à Mãe Ana, né. De fazer, eu levei uma escritora uma vez lê, eu falei assim: olha eu num sei, tem tanto tempo que eu não vou lá, mas tem o caminho, tem lá o local, vamos lá. E chegando lá tinha uns galhos, já mais com uns três dias que tinham colocado, ela ficou toda emocionada e ficou impressionada com essa lenda, ela também chegou a escrever³.

“As pessoas quando visitam o túmulo levam um ramo verde e pede-lhe a bênção”: “Bença, Mãe Ana, e deixa o ramo lá⁴.”

¹ ESTE CONHECIMENTO ELA JÁ TRAZIA DE SUA TERRA NATAL, PROVAVELMENTE O SUDÃO.

² FELISBERTA FERREIRA DA SILVA _ TO010007F1A4 n° 33.

³ ENTREVISTA EM NATIVIDADE, 16/1/2007 _ TO010007F1A2A n° 34A1. SIMONE CAMELO ARAÚJO.

⁴ SIMONE CAMELO ARAÚJO _ TO010007F1A4 n° 66; TEODORO NUNES DA SILVA - TO010007F1A4 n° 70.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	TO	01	00	07	F50	04
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

A história que mencionam é que ao longo dos anos, próximo da cova, sempre há uma grande árvore e um monte de terra, que caracterizam o espaço da sepultura. Ao que se sabe ela tem sido sempre visitada, mas nos últimos anos teria sido quase que abandonada.

Teodoro Nunes da Silva – seu Dozinho:

É quando eu me entendi já encontrei cova de Mãe Ana. Então os cavaleiros passavam por essa cova, a estrada fazia isso, oh, vinha essa estrada aqui, quando chegava ali onde ela estava sepultada as estradas abria assim uma pro lado, outra pro outro e encontrava, lá na frente, a cova bem no meio. E ela até hoje está enfeitada, todas pessoas que passa lá, que ainda viu ou que conhece da história, quebra um ramo verde, ficava um montueiro de ramo verde por cima dela, da cova dela, aí depois vinha o fogo, às vezes queimava, o povo tornava.

Diversas pessoas entrevistadas apontam já ter visitado a cova em tempos passados, mas apenas Felisberta e a parteira D. Laudelina afirmam conhecer o local da cova. Quem levou a equipe ao local da cova foi Felisberta.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

Não há.

6. FORMAÇÃO DO LUGAR**6.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Em alguns depoimentos sobre a cova de Mãe Ana são feitas referências ao local, mas sem a certeza de sua localização. Entretanto, vários depoimentos, entre eles o de Felisberta Pereira da Silva, identificam o local da cova. Nesse espaço totalmente descuidado existe apenas uma velha e quase ilegível placa de identificação. Apesar das divergências quanto ao local da cova, e quanto às discussões apresentadas por Apolinário (1995) com relação à Lenda de Mãe Ana, consideramos o seu valor como símbolo de resistência dos descendentes de escravos que possibilitaram a constituição da cidade de Natividade – a beleza das histórias (“histórias”) deste povo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	TO	01	00	07	F50	04
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Existem diversos relatos sobre Mãe Ana e sua história, entre eles selecionamos alguns.

Juciene: Mãe Ana, uma das lendas mais belas que eu já encontrei. Eu fiz até um artigo de um jornal, uns dez anos atrás, falando sobre a questão da escravidão negra. E retratei a resistência através da lenda da cova da Mãe Ana.

Simone: É interessante porque eu ainda cheguei a conhecer o local. Hoje tá, virou local de casas populares, tá tudo habitado. Mas quando eu cheguei aí em 1991, tem pouco tempo de chegar encontrar no caminho ter o galho verde de alguém que passou e colocou é fazendo uma homenagem à Mãe Ana, né⁵.

Na última festa de São Benedito (...) tramavam e ela pressentia que esta seria sua última festa (...) assim à última badalada do sino em seu terceiro chamamento penetrava ela elegantemente vestida e ricamente adornada (...) sua entrada provocou suspense, conta a tradição – seu porte de princesa, seu vestido de gorgurão azul com acabamento de rendas brancas causava admiração geral entre os homens, despertando indisfarçável inveja entre as ricas senhoras presentes (...) sua testa ostentava artístico diadema a lembrar a nobreza de sua origem⁶.

(...) foi avistada com vida pela última vez entrando na matinha na direção do sítio, aonde não chegou. (...) foi somente no vigésimo dia após seu desaparecimento que seu corpo foi descoberto (...) diz a tradição que não por exalar mau cheiro, mas pelo contrário, mas por seu corpo ter sido encontrado em perfeito estado, como se ela estivesse em um sono profundo, dela desprendiam aromas almiscarados. Quando foram retiradas todas as palhas de piaçaba com que seu corpo estava coberto, verificou-se que nem formigas, nem tatu peba, louco por cadáver, haviam profanado aqueles restos (...) apenas denunciadora mancha vermelha, como se fora alguma medalha à altura do coração. (...) Mãe Ana sempre dizia que quando morresse queria ser enterrada naquele bosque, em sepultura rasa e envolvida em um lençol. Assim foi feito. Retirados os adereços que ela, em caso de morte, havia doado à Igreja de São Benedito, sendo que seus haveres caberiam à sua gente, aberta a cova, seu corpo, entre prantos e rezas, foi ali depositado. Somente a acompanhou o diadema de sua premonição⁷.

Felisberta também relata a história de Mãe Ana:

A Mãe Ana ela era uma princesa no Sudão e trazida para o Brasil, foi capturada e trazida para o Brasil, mais ela, apesar da origem dela humilde, e deu que a sorte dela ser comprada no Brasil por um casal de abolicionista, e elas, com as entradas de bandeiras, como chamava as entradas pra cá, e ela chegou a Natividade; ela era uma chama, você sabe, o que chama tem um pouco disso também e ela ficou conhecida e querida pelos brancos, negros, que a forma que ela atendia o branco ela atendia o negro, atendia o rico e o pobre. (...) os negros... eles ia pra lá, os senhores dela morreu e deixou tudo pra ela, então ela tinha muitos escravos libertos e quando eles não agüentavam muito o jugo na senzala eles fugiam, ela dava guarida e ninguém suspeitava dela.

6.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
	NÃO HÁ.

7. USOS ATUAIS

7.1. USOS COTIDIANOS

Não há.

7.2. USOS CERIMONIAIS

Não há.

⁵ ENTREVISTA SIMONE CAMELO ARAÚJO, REPRESENTANTE DO MONUMENTA, DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA CULTURAL DE NATIVIDADE (ASCUNA) E DEVOTA DO DIVINO _ TO010007F1A4 N° 66.

⁶ TEXTO EXTRAÍDO DA APOSTILA DA ASCUNA – A COVA DE MÃE ANA.

⁷ IDEM.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	TO	01	00	07	F50	04
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Ourivesaria	TO010007F6001
filigrana	TO010007F6002
Sússia	TO010007F4003

9. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não há.

10. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

10.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
TEIXEIRA Maximiano da costa. Outras estórias de Goiás. Goiânia, UNIGRAF, 1983. Texto extraído da Apostila da ASCCUNA Associação Comunitária Cultural de Natividade Sem Data. – a cova de Mãe Ana

10.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
ARQUIVO SONORO UFT/FAPTO – TO010007F1A2A nº34

10.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 13 F 1 a 5

11. OBSERVAÇÕES

11.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Não há.

11.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Não há.

11.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Observamos durante a pesquisa que há muitas contradições quanto ao local, o significado e as representações da Mãe Ana para os nativitanos. Os depoimentos sobre o túmulo são contraditórios, bem como sobre sua história. Desta forma, precisam ser aprofundados.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	TO	01	00	07	F50	04
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

12. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Helena M. Mollo, Sandra Maria Faleiros Lima, Sonia Maria F. Neiva, Valdirene Gomes dos Santos de Jesus, Eunice dos Santos Moura, Gisela, souza, Hueberson Veríssimo Ribeiro, Piero Detoni, Valéria Moreira l. de Melo, Tatiana Hundrel		
SUPERVISOR	14ª. Regional do IPHAN – Goiânia/GO		
REDATOR	Valdirene Gomes dos Santos de Jesus		Data; Agosto 2007 - revisão maio 2008
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	UFT/FAPTO		